



Tema Gerador: “Educação Socioemocional” - 05/05 a 11/05

Vamos refletir sobre

Pequenos Delitos

Grandes Estragos

Fragmentos retirados

Do livro “Ser Humano é Ser Junto”

Por uma vida sem preconceito e com diversidade

Mario Sergio Cortella

O CORPO DE BOMBEIROS TEM UM ENSINAMENTO que pode nos ajudar muito no dia a dia: “**Nenhum incêndio começa grande**”. De fato, todo incêndio de grandes proporções tem início com uma faísca, uma fagulha. E isso também se aplica ao campo da ética, no que se refere à nossa capacidade de preservação da vida coletiva. Em situações de convívio na família ou na escola, por exemplo, o descuido com a integridade, com a dignidade, pode repercutir para o resto da vida de uma criança ou de um adolescente.

Muitas vezes, o declínio ético, na ruptura moral, emerge a partir de pequenos atos. As grandes patifarias se estabelecem pouco a pouco, quando aceitamos gestos de delinquência de proporções aparentemente diminutas. Entretanto, é a soma das pequenas infrações no cotidiano que produz um vazamento de grandes proporções em nossa compostura ética. Isso vale especialmente para a formação de pessoas, para a convivência, para a vida.

Se não houver um refreamento, uma prática danosa tende a se proliferar. A não reação ou a própria impunidade em relação ao ato maléfico propicia um movimento crescente, porque gera aumento de poder de natureza psicológica, na consciência de quem pratica (que se supõe mais poderoso), ou efetiva, na medida em que a pessoa humilhada se torna refém daquele que a oprime. Por isso, a principal intenção é que a gente consiga repensar, bloquear, impedir esses movimentos que são triviais no ponto de partida, porém catastróficos no ponto de chegada.

Aqui se inclui o fenômeno do **bullying**, tão discutido, deflagrado e difundido nos últimos anos. Há pessoas que dizem: “**No meu tempo, ninguém falava em bullying**”. De fato, o termo não era propalado no ambiente escolar, mas o fenômeno sempre existiu. Ganhou esse nome e entrou na pauta das discussões, em grande medida. Também porque as questões éticas estão mais avivadas no nosso dia a dia.



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

Esse cuidado reforça a percepção de que é necessária a prevenção para evitar a remediação. Na realidade, os dois polos – **prevenir e remediar** – são necessários. Mas a prevenção é mais eficaz porque bloqueia aquilo que é maléfico no seu ponto de origem e, desse modo, impede que um pequeno córrego se transforme em uma inundação.

Apelido vexatório, fofocas, piadas de mau gosto, atitudes agressivas e zombarias são exemplos de assédios triviais, aqueles que imaginaríamos de menor proporção, mas que, à medida que se avolumam, atingem a vida da pessoa de uma maneira mais intensa e direta. Nesse ponto, os assédios triviais transformam-se em assédios vitais. A distinção entre um e outro é a intensidade. Também pesa o fato de ser algo que atinge a vida em seu conjunto e, dessa maneira, adentra o território do biocídio. O **bullying** é um exemplo dessa clara intenção de depreciar a outra pessoa.

A palavra **“biocídio”** indica o aniquilamento da vida em suas múltiplas manifestações. O **biocídio** faz vítimas de várias maneiras no dia a dia, seja no assassinato das pessoas, seja na depreciação do meio ambiente, colocando em risco de extinção várias espécies de seres vivos, seja na convivência destrutiva em espaço coletivos, como empresas, escolas e famílias.

Logo, o **biocídio** é muito mais comum e camuflado do que podemos imaginar. E existe o **biocídio** também pela violência simbólica, expressa sobretudo pelo preconceito, quando a pessoa se sente depreciada, apequenada, humilhada, excluída.

O **biocídio** é o desprezo ao outro, a sensação de que a pessoa é menos, a tentativa de aniquilar a vibração de vida nela, transformando-a em menos vida, uma vida que seja inferior, em termos de dignidade, capacidade, validade.

O **biocídio** pode se originar inconscientemente por parte de quem o pratica. Nem sempre existe uma má intenção na origem, porém há um mau resultado, porque é uma prática de convicção em relação à menor validade de outra pessoa. E nisso, independentemente de haver ou não intenção, o efeito é o mesmo. É claro que existe o praticante que age de maneira consciente, que se satisfaz, que supõe obter o aumento do seu próprio valor quando diminui outra pessoa.

São situações às quais devemos estar atentos e que precisamos ir retirando do circuito sempre que se perceber uma ameaça à dignidade humana. Assim como impedir o uso de apelidos que não sejam carinhosos, de brincadeiras que produzam constrangimento, de atitudes deliberadas com o propósito de degradar a vida.

Muitas vezes, as manifestações do **biocídio** nem sequer causam estranhamento. Por exemplo, há muitos anos, uma poderosa multinacional fez uma peça publicitária com a seguinte lógica: “Use o curativo X, porque é da cor da pele”. Em uma sociedade multiétnica, pergunta-se: cor da pele de quem? O mesmo se dá em meias anunciadas como sendo “cor da pele”. Ora, em uma sociedade que preze pela dignidade coletiva, haverá curativos e meias “cor da



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

pele” de tantas cores quantas forem as cores das peles das pessoas que nela vivem.

O fenômeno também aparece estampado em embalagens de xampu, que indicam produtos para “cabelos secos”, para “cabelos oleosos” e para “cabelos normais”. Do ponto de vista científico, o que é um “cabelo normal”? É o que não é seco como o de muitas pessoas negras? Nem oleoso como o de uma parte dos indígenas e asiáticos? É o cabelo dos europeus? Claro que não. Esse tipo de classificação só acontece pela suposição de que existem os humanos que são “normais”, que têm a pele da cor “normal”, os olhos do jeito “normal”.

E, durante décadas, as pessoas ouvem falar de curativo “cor da pele” ou de “xampu para cabelos normais” sem notar que estão diante de um óbvio tão irrefletido que nem sequer chega a ser considerado um preconceito. Porém são, sim, expressões de biocídios, das pequenas mortes da nossa humanidade. E aqui uso o termo “humanidade” em sentido duplicado, como a nossa maneira de existir nesta vida e como a nossa dignidade ética coletiva.

Há uma desumanização quando praticamos essas mortes cotidianas ou compactuamos com elas!

Retomemos o exemplo do **bullying**. Ele pode se manifestar de várias maneiras, com apelidos ofensivos, humilhação, piadas, constrangimento, mas é sempre uma prática violenta que visa à exclusão da vítima. O **bullying** é, em grande medida, uma forma de autoafirmação. Só que autoafirmação para quem é fraco. A intenção é depreciar o valor daquele que é ofendido, colocá-lo num patamar inferior.

Nem sempre é fácil a percepção do que o **bullying** está significando em termos de preconceito ou mesmo qual é a fronteira que o separa da brincadeira. Mas o que caracteriza uma brincadeira é que todos os que dela participam gostam de estar inseridos naquela situação, seja um truque, no futebol, na queimada, no passa-anel. No jogo do mico, se o mico ficar comigo, vão rir de mim, bater nas minhas costas. Isso não é bullying, é o espírito do jogo. O princípio básico é que todos se divirtam, mesmo quem perde, porque perder faz parte do jogo. Chamar alguém de macaco se estamos jogando mico – e qualquer um de nós poderá sê-lo se pegar a carta – é muito diferente de utilizar a palavra “macaco” para dizer “Você é um semi-humano”, um menos humano ou um pré-humano.

O **bullying** não é um jogo, é uma maneira covarde de exaltar-se diminuindo outra pessoa. Por isso existe uma fronteira. Na brincadeira, todos se alegram, e até quem perde quer voltar a jogar, ao passo que, no **bullying**, quem é vitimado não deseja mais conviver com aquele grupo.

Não se pode supor que o **bullying** seja apenas uma forma de preconceito. Ele é o preconceito em um nível elevado de ofensa e agressão, pois tem como intenção excluir a pessoa.

Nem sequer é tolerância passiva, mas sim a tentativa de arrancar o outro do convívio por considerá-lo diferente, até mesmo quando a diferença se dá por



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

uma virtude. O aluno que se destaca pelas boas notas pode ser alvo de assédios vitais. Pela lógica do agressor, quem está acima precisa descer do nível em que se encontra. Para isso, é preciso arranjar alguma maneira de inferiorizá-lo: porque usa óculos ou porque o cabelo é despenteado ou porque a professora o chama com frequência....

• Sugestão de Livro

1. **Bullying e Suas Implicações no Ambiente Escolar** Edição Português por [Sônia Maria de Souza Pereira](#) (Autor)

A palavra bullying é utilizada para determinar um fenômeno bem peculiar, com características definidas: ela não indica um conflito normal ou uma simples briga entre estudantes, mas sim as ameaças com violência física, verbal e psicológica que causam grandes transtornos aos envolvidos. Esta obra tem por finalidade ajudar pais e profissionais da educação no entendimento dessa problemática no ambiente escolar, funcionando como suporte teórico para discutir e apresentar alternativas ao enfrentamento do problema, analisando por que é tão difícil para escolas detectarem o bullying e as consequências deste no desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicológico dos envolvidos. Procura analisar, também, o papel da escola e da família no combate e prevenção ao bullying, identificando formas para minimizar o problema.

• Sugestão de Vídeo

1. Reflexão do Professor(a)
 - Temos que parar com o Bullying nas escolas! Com Marcos Meier
<https://www.youtube.com/watch?v=3qSzCUy44IY> CORTAR EM 5:04
2. Reflexão para o aluno
 - Bullying não! Ser diferente é legal | Canal da Charlotte
https://www.youtube.com/watch?v=Oi3K9KDt_FY
 - Bullying na escola (Video Curto com história)
<https://www.youtube.com/watch?v=EeJsPF-aL9E&t=49s>
 - Animação Empatia/ Bullying - Difícil Não Chorar
<https://www.youtube.com/watch?v=c-LUpYCfnk>



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

- **Questões reflexivas:**

1. De acordo com a Charge, que características muito comuns podem ser identificadas em pessoas que praticam o bullying?



2. Bullying virtual ou cyberbullying. É o *bullying* que ocorre em meios eletrônicos, com mensagens difamatórias ou ameaçadoras circulando por *e-mails*, *sites*, *blogs* (os diários virtuais), redes sociais e celulares. É quase uma extensão do que dizem e fazem na escola, mas com o agravante de que as pessoas envolvidas não estão cara a cara.

Dessa forma, o anonimato pode aumentar a crueldade dos comentários e das ameaças e os efeitos podem ser tão graves ou piores. “O autor, assim como o alvo, tem dificuldade de sair de seu papel e retomar valores esquecidos ou formar novos”, explica Luciene Tognetta, doutora em Psicologia Escolar e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br>. Acesso em: 3 ago. 2012 (adaptado).

Segundo o texto, com as tecnologias de informação e comunicação, a prática do bullying ganha novas nuances de perversidade e é potencializada pelo fato de dificultar a identificação do agressor incógnito. De que modo podemos trabalhar preventivamente com nossos alunos ?

3. Segundo Paulo Freire, “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”, ou seja, quando não educamos para a liberdade, o sonho da vítima da violência é se tornar um agressor. Os danos sociais e individuais são inúmeros por conta da violência escolar. Você concorda com a afirmação de Paulo Freire? Comente.



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

4. Comente a Charge a seguir.

